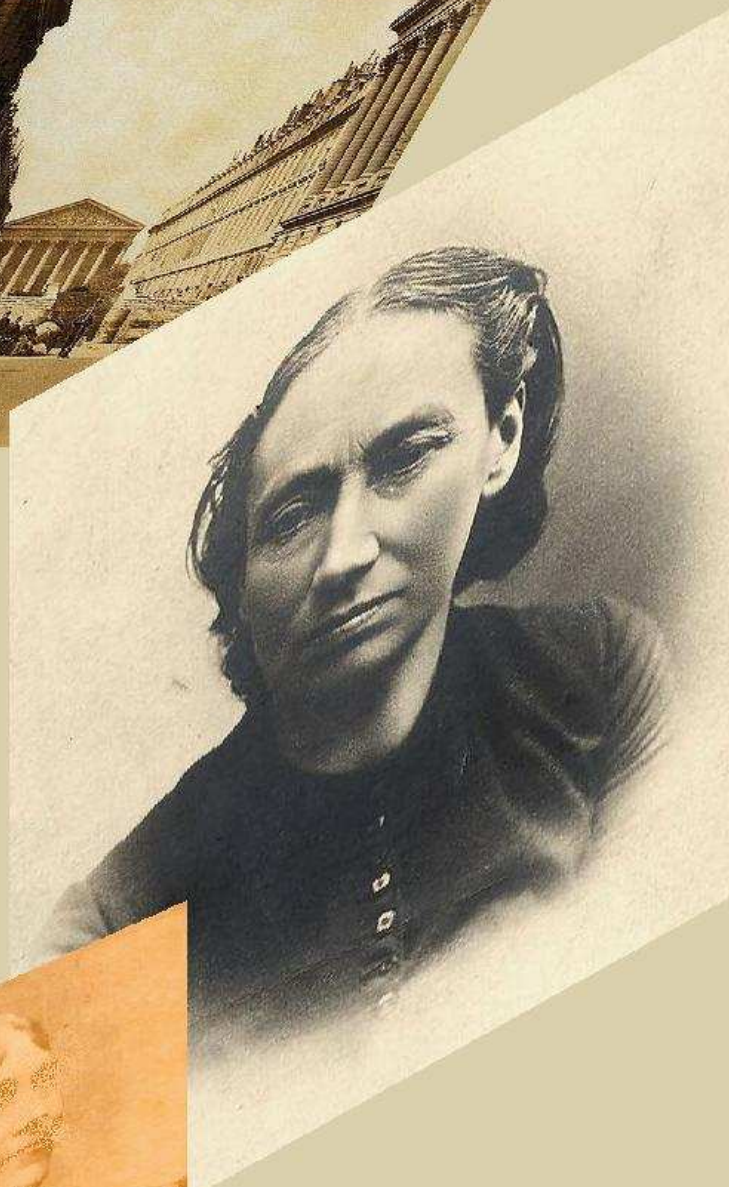
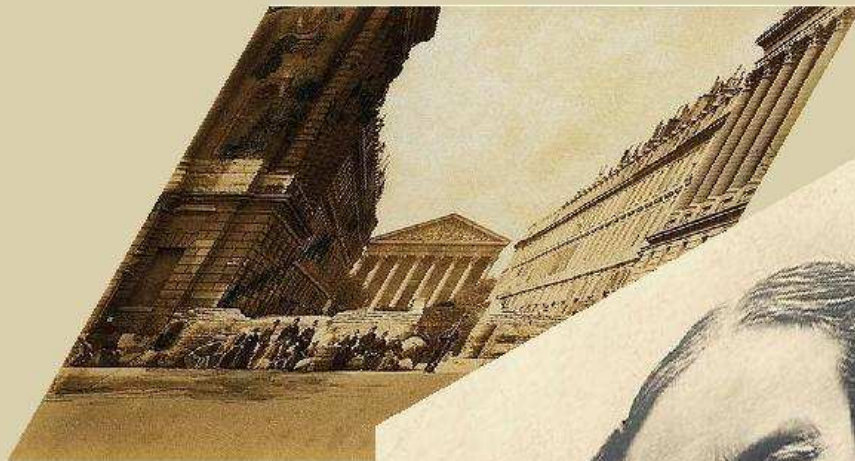


A Maçonaria Feminina



e a



Comuna de Paris

Roberto Aguilar M. S. Silva

Membro Vitalício da Academia Maçônica de Letras de
Mato Grosso do Sul, Brasil

A Maçonaria Feminina e A Comuna de Paris

Roberto Aguilar M. S. Silva

Membro Vitalício da Academia Maçônica de letras de

Mato Grosso do Sul, Brasil

Comuna de Paris



Barricadas erguidas pelos *communards* em frente a La Madelaine.

A **Comuna de Paris** foi o primeiro governo operário da história, fundado em 1871 na capital francesa por ocasião da resistência popular ante à invasão alemã.

A história moderna registra algumas experiências de regimes comunais, impostos como afirmação revolucionária da autonomia da cidade. A mais importante delas - a **Comuna de Paris** - veio no bojo da insurreição popular de 18 de março de 1871. Durante a guerra franco-prussiana, as províncias francesas elegeram para a Assembléia Nacional uma maioria de deputados monarquistas francamente favorável à capitulação ante a Prússia. A população de Paris, no entanto, opunha-se a essa política. Thiers, elevado à chefia do Gabinete conservador, tentou esmagar os insurretos. Estes, porém, com o apoio da Guarda Nacional, derrotaram as forças legalistas, obrigando os

membros do governo a abandonar precipitadamente a capital francesa, onde o comitê central da Guarda Nacional passou a exercer sua autoridade. A **Comuna de Paris** - considerada a primeira República Proletária da história - adotou uma política de caráter socialista, baseada nos princípios da Primeira Internacional.

O poder comunal manteve-se durante cerca de 40 dias. Seu esmagamento revestiu-se de extrema crueldade. De acordo com a Barsa mais de 20.000 *communards* foram executados pelas forças de Thiers.

O governo durou oficialmente de 26 de março a 28 de maio, enfrentando não só o invasor alemão como também tropas francesas, pois a Comuna era um movimento de revolta ante o armistício assinado pelo governo nacional (transferido para Versalhes) após a derrota na Guerra Franco-Prussiana. Os alemães tiveram ainda que libertar militares franceses feitos prisioneiros de guerra, para auxiliar na tomada de Paris.

Precedentes

A população francesa já havia enfrentado, após a Revolução, uma grande revolta em 1848, responsável por destituir o rei-cidadão Luís Filipe d'Orleans. Após a formação de uma segunda república e o golpe de Napoleão III, a França ainda se envolveu em atritos constantes com a Alemanha, relacionados à sucessão espanhola. (veja Guerra Franco-Prussiana). Com um telegrama falsificado por Otto Von Bismarck, extremamente ofensivo ao povo francês. Napoleão III declara guerra.

O exército alemão no entanto estava mais bem preparado, e vence facilmente os franceses. O imperador francês é feito prisioneiro em Sedan ao que se declara novamente a república na capital francesa e se legitima um Governo Provisório de Defesa Nacional para o qual Louis Adolphe Thiers se elege como novo presidente.

O armistício e a Comuna



Wilhelm I foi coroado Imperador da Alemanha no Palácio de Versalhes. Bismarck ao centro, de branco.

O Governo Provisório, com sede na prefeitura de Paris, iniciou um processo de capitulação da França entregando a maior parte de seu exército permanente bem como suas armas a contragosto da população parisiense. O único contingente agora armado era a Guarda Nacional formado em sua maior parte por operários e alguns membros da pequena burguesia.

Convictos na resistência ao exército estrangeiro a Guarda Nacional assaltou a prefeitura e expulsou os membros da assembleia que se instalariam em Versalhes. A administração pública de Paris agora se encontrava nas mãos do Comitê Central da Guarda Nacional que manteria conversações com Versalhes até 18 de março, quando Thiers manda desarmar a Guarda Nacional numa operação sigilosa durante a madrugada daquele dia. Pegos de surpresa, a população parisiense expulsa o contingente de Thiers dando início à independência política de Paris frente à Assembleia de Versalhes culminando com a eleição e a declaração da Comuna em 26 e 28 de março.

Apesar da evidente disposição do povo parisiense em resistir, a Assembleia de Versalhes acabou assinando a paz com os alemães. Num episódio humilhante, Wilhelm I, o soberano alemão, foi coroado imperador do Segundo Reich na sala dos espelhos do Palácio de Versalhes.

Realizações da Comuna



A Comuna de Paris DECRETA: O alistamento obrigatório é abolido; a guarda nacional é a única força militar permitida em Paris; todos os cidadãos válidos fazem parte da guarda nacional.



Destruição da Coluna Vendôme pelos *communards*.

A Maçonaria Feminina e a Comuna de Paris

Depois período revolucionário, a imperatriz Josefina, 1ª mulher de Napoleão, tentou reavivar as lojas de adoção, em 1805. Durante a Comuna de Paris de 1871, há relatos da participação de uma loja de mulheres nas grandes manifestações de Abril. Uma das principais dirigentes da Comuna, Louise Michel, "A Virgem Vermelha", tornou-se Maçom, iniciada na Loja A Filosofia Social, em 1904.



Por sugestão do revolucionário Gustave Courbet as pedras da coluna decaída seriam utilizadas para a reconstrução do hotel de la Monnaie, que a época servia de abrigo para inválidos.



Ferramentas penhoradas são devolvidas aos operários durante o cerco à Comuna.

O governo revolucionário foi formado por uma federação de representantes de bairro (a guarda nacional, uma milícia formada por cidadãos comuns). Uma das suas primeiras proclamações foi a "abolição do sistema da escravidão do salário de uma vez por todas". A guarda nacional se misturou aos soldados franceses, que se amotinaram e massacraram seus comandantes. O governo oficial, que ainda existia, fugiu, junto com suas tropas leais, e Paris ficou sem autoridade. O Comitê Central da federação dos bairros ocupou este vácuo, e se instalou na prefeitura. O comitê era formado por Blanquistas, membros da Associação Internacional dos Trabalhadores, Proudhonistas e uma miscelânea

de indivíduos não-afiliados politicamente, a maioria trabalhadores braçais, escritores e artistas.

Eleições foram realizadas, mas obedecendo à lógica da democracia direta em todos os níveis da administração pública. A polícia foi abolida e substituída pela guarda nacional. A educação foi secularizada, a previdência social foi instituída, uma comissão de inquérito sobre o governo anterior foi formada, e se decidiu por trabalhar no sentido da abolição da escravidão do salário. Noventa representantes foram eleitos, mas apenas 25 eram trabalhadores, e a maioria foi constituída de pequenos-burgueses. Entretanto, os revolucionários eram maioria. Em semanas, a recém nomeada Comuna de Paris introduziu mais reformas do que todos os governos nos dois séculos anteriores combinados:

1. O trabalho noturno foi abolido;
2. Oficinas que estavam fechadas foram reabertas para que cooperativas fossem instaladas;
3. Residências vazias foram desapropriadas e ocupadas;
4. Em cada residência oficial foi instalado um comitê para organizar a ocupação de moradias;
5. Todos os descontos em salário foram abolidos;
6. A jornada de trabalho foi reduzida, e chegou-se a propor a jornada de oito horas;
7. Os sindicatos foram legalizados;
8. Instituiu-se a igualdade entre os sexos;
9. Projetou-se a autogestão das fábricas (mas não foi possível implantá-la);
10. O monopólio da lei pelos advogados, o juramento judicial e os honorários foram abolidos;
11. Testamentos, adoções e a contratação de advogados se tornaram gratuitos;
12. O casamento se tornou gratuito e simplificado;
13. A pena de morte foi abolida;
14. O cargo de juiz se tornou eletivo;
15. O calendário revolucionário foi novamente adotado;
16. O Estado e a Igreja foram separados; a Igreja deixou de ser subvencionada pelo Estado e os espólios sem herdeiros passaram a ser confiscados pelo Estado;
17. A educação se tornou gratuita, secular, e compulsória. Escolas noturnas foram criadas e todas as escolas passaram a ser de sexo misto;
18. Imagens santas foram derretidas e sociedades de discussão foram adotadas nas Igrejas;
19. A Igreja de Brea, erguida em memória de um dos homens envolvidos na repressão da Revolução de 1848 foi demolida. O confessionário de Luís XVI e a coluna Vendome também;
20. A Bandeira Vermelha foi adotada como símbolo da Unidade Federal da Humanidade;
21. O internacionalismo foi posto em prática: o fato de ser estrangeiro se tornou irrelevante. Os integrantes da Comuna incluíam belgas, italianos, poloneses, húngaros;
22. Instituiu-se um escritório central de imprensa;

23. Emitiu-se um apelo à Associação Internacional dos Trabalhadores;
24. O serviço militar obrigatório e o exército regular foram abolidos;
25. Todas as finanças foram reorganizadas, incluindo os correios, a assistência pública e os telégrafos;
26. Havia um plano para a rotação de trabalhadores;
27. Considerou-se instituir uma Escola Nacional de Serviço Público, da qual a atual ENA francesa é uma cópia;
28. Os artistas passaram a autogestionar os teatros e editoras;
29. O salário dos professores foi duplicado.

A semana sangrenta



Cadáveres de *communards*.

O governo oficial, agora instalado em Versalhes e sob o comando de Thiers, fez a paz com a Alemanha para que tivesse tempo de esmagar a Comuna de Paris. Como acordado entre os dois países, a Alemanha libertou prisioneiros de guerra para compor as forças que o exército francês usaria contra a Comuna. Esta possuía menos de quinze mil milicianos defendendo a cidade contra o exército de cem mil soldados sob o comando de Versalhes.

Assim como durante o período da comuna, em sua queda os revolucionários destruíram os símbolos do Império francês - prédios administrativos e palácios - e executaram reféns, em sua maioria clérigos, militares e juízes. Na perspectiva dos *communards* derrubar a velha ordem e tudo que com ela tinha vínculo era preciso para que novas instituições pudessem florescer.

Ao todo a Comuna de Paris executou cem pessoas e matou outras novecentas na defesa da cidade. As tropas de Thiers, por outro lado executaram vinte mil pessoas, número que somado às baixas em combate provavelmente alcançou a cifra dos oitenta mil mortos. Quarenta mil pessoas foram presas, e muitas delas foram torturadas e executadas sem qualquer comprovação de que fossem de fato membros da Comuna. As execuções só pararam por medo de

que a quantidade imensa de cadáveres pudesse causar uma epidemia de doenças.^[carece de fontes?]

A Comuna é considerada por grupos políticos revolucionários posteriores (anarquistas, comunistas, situacionistas, etc.) como a primeira experiência moderna de um governo verdadeiramente popular.^[carece de fontes?] Um extraordinário acontecimento histórico resultante da iniciativa de grupos revolucionários e do espontaneísmo político das massas, em meio à circunstâncias dramáticas de uma guerra perdida (Franco-Prussiana) e de uma guerra civil em curso.

Maçonaria Feminina na Comuna de Paris

Durante a Comuna de Paris de 1871, há relatos da participação de uma loja de mulheres nas grandes manifestações de Abril. Uma das principais dirigentes da Comuna, Louise Michel, “A Virgem Vermelha”, tornou-se Maçon, iniciada na Loja A Filosofia Social, em 1904.

Louise Michel

Louise Michel (Vroncourt-la-Côte, 29 de Maio de 1830 — Marselha, 9 de Janeiro de 1905) cujo apelido era *Enjolras*, foi professora, poetisa, enfermeira, escritora e blanquista da França. Reconheceu-se anarquista durante a Comuna de Paris na qual foi uma das mais importantes communards. Foi também primeira a deflagar a bandeira negra como símbolo dos ideais libertários, popular nos séculos seguintes entre os adeptos do Anarquismo.



Louise Michel

Preocupada com a educação infantil, Michel lecionou alguns anos em Paris até 1856. Aos 26 anos nessa mesma cidade já era autora de uma extensa obra literária, política e educacional com foco nos movimentos sociais revolucionários. Na Comuna de Paris participou tanto na linha de frente nas barricadas, como em funções de apoio até ser capturada e deportada para a Nova Caledônia. Retornou à França em 1880 onde se tornara extremamente popular, participou de inúmeros eventos e reuniões operárias, continuou sendo vigiada pelo estado pelo resto de sua vida, sendo presa diversas vezes por seu ativismo político até sua morte aos 74 anos de idade.

Após seu falecimento continuou sendo considerada e homenageada como uma das mais notáveis anarquistas, feministas, sindicalistas e educadoras libertárias do século XIX, preservando tal reconhecimento até a atualidade.

Louise Michel na Comuna de Paris

Durante a Comuna de Paris Louise Michel desempenhará diversas atividades. Assumirá inicialmente a função de enfermeira nos fronts de batalha cuidando dos feridos nas barricadas. Mais tarde, durante o cerco de Paris, passa a ser uma combatente vestindo a farda da guarda nacional - fato incomum para a época, já que este traje era tido como exclusivamente masculino.

Uma anedota da época diz que desde que Louise vestiu a farda da Guarda Nacional em 22 de Janeiro de 1871, simultaneamente passou a exercer a função de propagandista da Comuna, manteve o 61º Batalhão de Montmartre, dirigiu a carroça-ambulância que cuidava dos feridos e participou do Clube da Revolução na Igreja de Saint-Bernard. Nos dias 17 e 18 de Março Louise Michel desempenhou um papel ativo na infantaria dos canhões da guarda nacional que manteve a barricada de Montmartre.

Em Maio, quando Versalhes iniciou o ataque contra a cidade, Louise tomou parte nas batalhas de Clamart, Issy-les-Moulineaux, Neuilly, Sobre a barricada de *Clignancourt*, ela tomou parte nos combates de rua onde a tiros conseguiu libertar da detenção sua mãe que iria ser presa em seu lugar. Posteriormente também assistiria a morte por execução de muitos de seus amigos, incluindo seu amante e companheiro Théophile Ferré, executado em Novembro de 1871 juntamente com Louis Rossel, o ex-ministro da guerra da Comuna. Nos mesmos dias em que se ofereceu para pessoalmente para executar Thiers, compôs em homenagem a Ferré, o poema Os cravos rubros (*Les Œillets rouges*), uma declaração de amor e carta de despedida, .

*Quando ao negro cemitério eu for,
Irmão, coloque sobre sua irmã,
Como uma última esperança,
Alguns 'cravos' rubros em flor.
Do Império nos últimos dias
Quando as pessoas acordavam,
Seus sorrisos eram rubros cravos
Nos dizendo que tudo renasceria.*



*Hoje, florescerão nas sombras
de negras e tristes prisões.
Vão e desabrochem junto ao preso sombrio
E lhe diga o quanto sinceramente o amamos.
Digam que, pelo tempo que é rápido,
Tudo pertence ao que está por vir
Que o dominador vil e pálido
Também pode morrer como o dominado*



A prisão de Louise Michel, por Jules Girardet.

Sem qualquer questionamento sobre o tamanho de seu sentimento de perda, Victor Hugo dedica seu poema *Viro Major* à ela. Este depoimento ardoroso será talvez uma das maiores fontes de exaltação já feitas em sua homenagem, causando grandes constrangimentos aos inimigos de Michel.

Diante das mortes de seus companheiros Louise Michel passa a reivindicar para si o direito ao assassinato do juiz que os condenou. No entanto presa, em Dezembro de 1871 ela é levada a julgamento no VI Conselho de Guerra, sendo alvo de uma série de acusações incluindo a tentativa de derrubada do governo, encorajar cidadãos a pegar em armas, e utilizar armas e fardamento militar. De forma desafiadora no tribunal ela reafirma seu compromisso com a Comuna e seus ideais, e desafia os juízes a sentenciá-la a morte. Talvez por medo de uma reação popular a sentença de morte não é comutada.

Entre 1871 e 1873, Louise Michel passa vinte meses na detenção na Abadia de *Auberive* (convertida em prisão), para ser posteriormente condenada à deportação. Àquela época a imprensa estatal de Versalhes satiricamente a nomeia *la Louve rouge, la Bonne Louise* (a loba vermelha, a boa Louise).

Deportação

Em 8 de Agosto de 1873 Louise Michel é colocada no navio *Virginie*, que a levará para seu exílio na Nova Caledônia onde ela desembarca após 4 meses de viagem.

Ainda a bordo do navio Louise Michel se aproxima do também prisioneiro Henri Rochefort, à época uma famosa figura polêmica, que se tornaria seu amigo até sua morte. Também conhece Nathalie Lemel, outra anarquista ativa durante a Comuna. Estes contatos fazem com que Louise passe a se reconhecer publicamente como anarquista. Permanece na Nova Caledônia por sete anos, recusando qualquer tratamento especial reservado às mulheres.

Se aproxima da população local, da etnia *kanak*, cria a revista "*Petites Affiches de la Nouvelle-Calédonie*" (Pequenas Cartas da Nova Caledônia) e publica o livro "*Légendes et chansons de gestes canaques*" onde compila os cantos e as lendas dos nativos. Leciona para adultos e crianças nativas, e ao contrário de outros communards deportados, toma parte ao lado dos kanaks em sua revolta de 1878. Posteriormente ela afirmaria ter enviado ao líder da rebelião, *Ataï*, um pedaço de sua manta.

No ano seguinte, Louise Michel recebe autorização das autoridades coloniais para se lecionar em Noumea para os filhos dos deportados - entre eles muitos Cabilas (Cabilas do Pacífico da rebelião de Cheikh Mokrani de 1871) - e mais tarde também passa a dar aulas em uma escola para meninas.

Retorno

Michel retorna a Paris em 1880 depois que a anistia foi garantida aos Communards. Sua paixão revolucionária não havia diminuído. Em 21 de Novembro de 1880 é calorosamente recebida por uma multidão para a qual discursa. Retomando sua incansável atividade de militante revolucionária na Europa, participando de eventos e reuniões e do congresso anarquista em Londres em 1881, onde ajuda a organizar manifestações falando para multidões imensas. Após dois meses de sua chegada ela inicia a publicação de seu romance "*La Misère*" (A Miséria) em fascículos atingindo enorme sucesso.

Em 18 de Março de 1882 durante uma grande reunião de libertários no Hall Favié em Paris, Louise Michel propõe uma separação entre os socialistas - libertários e autoritários - como forma de se afastar dos parlamentares socialistas e suas regras inequívocas. Nessa mesma reunião defende a adoção da bandeira negra como símbolo do anarquismo em contraste com a "*bandeira vermelha encharcada com o sangue dos nossos combatentes. Já deflagrei a bandeira negra que ostenta a dor de nossas vidas e nossas ilusões*".

Em 9 de Março 1883 discursa em uma manifestação de desempregados junto com Émile Pouget, ao fim da manifestação são saqueadas três panificadoras e se dão enfrentamentos com o aparato repressor estatal. Louise é presa e acusada de liderar os saques, levada a julgamento algumas semanas depois é condenada a seis anos de prisão, e 10 anos de vigilância policial proibida de discursar em público. Mas não chega a cumprir a pena, três anos depois em 1886 é liberada ao mesmo tempo que Piotr Kropotkin e outros anarquistas notáveis.

Depois de um breve período de liberdade é novamente encarcerada condenada a mais seis anos de prisão por fazer discursos inflamados. É liberada em Janeiro de 1886 graças a intervenção de Georges Clemenceau junto ao presidente da república Jules Grévy, para que pudesse ver sua mãe novamente em seu leito de morte. Em agosto do mesmo ano volta a ser presa por quatro meses após discursar em favor dos mineiros de Decazeville junto com Jules Guesde, Paul Lafargue e Susini. Durante o julgamento é aconselhada a apelar, mas recusasse, sendo finalmente liberada em Novembro por conta de um induto.

Últimos anos

Em Janeiro de 1887 discursa contra a pena de morte, em resposta condenação de seu amigo Clément Duval. Em 22 de Janeiro de 1888 após uma tarde falando para uma platéia lotada no teatro de Gaîté em Havre, a noite no Salão Élysée, Louise Michel sofre um atentado levando dois tiros de pistola disparados pelo *chouan* Pierre Lucas. Um dos tiros atinge sua cabeça, mas só superficialmente. Mesmo se tratando de uma tentativa de assassinato Louise se recusa a apresentar queixa contra seu agressor. Em Abril de 1890, Louise Michel é detida na Áustria após participar de um grande encontro libertário que acabou em manifestações violentas na cidade de Viena. Um mês depois de seu encarceramento, ela se recusa a ser libertada enquanto outros anarquistas com os quais discursara permanecessem na prisão. Habilmente figuras que lhes são contrárias utilizam esta forma de protesto para taxá-la de "louca" e, com o auxílio de um médico, começam a se mobilizar para interná-la em um asilo. No entanto voltam atrás temendo alimentar oposições. Aos 60 anos Michel é libertada e deixa Viena para a cidade de Paris em Junho. No mês seguinte deixa Paris para se refugiar em Londres, onde dirige uma escola libertária para crianças pequenas. Retorna após cinco anos em 13 de Novembro de 1895, onde é novamente recebida e saudada por uma grande manifestação na estação de trem Gare Saint-Lazare. No mesmo ano toma parte nas manifestações provocadas pelo Incidente Dreyfuss.

Durante a última década de sua vida, Louise Michel, é reconhecida como uma grande figura revolucionária libertária por anarquistas em toda a Europa, realizando numerosas conferências em Paris e em outras nações, sendo acompanhada por ativistas e apesar da seu cansaço, alternando sua militância, com visitas a Londres, onde permanecia na companhia de amigos. Em 1895, ela funda o jornal *Le Libertaire* (O Libertário) juntamente com Sébastien Faure. Em 27 de Julho de 1896, Toma parte no Congresso Internacional dos Trabalhadores em Londres.

Louise Michel estava viajando pela França realizando leituras em prol das causas anarquistas quando morreu acometida por uma forte pneumonia no Quarto 11, do Hotel Oasis, em Marselha em 10 de Janeiro de 1905. Seu funeral em Paris atraiu uma multidão imensa de milhares de pessoas que não falhou em impressionar seus contemporâneos. Nele muitos oradores se revezaram tomando a palavra, entre eles o grão mestre da Ordem Maçônica Mista Internacional. Também em seu túmulo surgiram diversas insígnias e

emblemas maçônicos levando muitos a se questionarem se Michel fazia parte da maçonaria antes de seu falecimento.

Referencias Bibliográficas

A PERSCRUTADORA. O regresso à tradição: uma Maçonaria de homens e mulheres. <http://aperscrutadora.blogspot.com/2010/03/o-regresso-tradicao-uma-maconaria-de.html>. Acessado em 04/abril/2010.

WIKIPÉDIA. Comuna de Paris. http://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris.

Acessado em 04/abril/2010.

WIKIPÉDIA. Louise Michel. http://pt.wikipedia.org/wiki/Louise_Michel. Acessado em 04/abril/2010.